



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 06, pp. 37215-37222, June, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.19109.06.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

POSSÍVEIS PRINCÍPIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA INTERDISCIPLINARIDADE ECOLÓGICA E CONTEXTUALIZADA A PARTIR DA ECOSOFIA DE GUATTARI

^{1,*}Flávio Luiz de Castro Freitas, ²Luciano da Silva Façanha, ³Zilmara de Jesus Viana de Carvalho and ⁴Mônica Teresa Costa Sousa

¹Doutor e Pós-Doutor em Filosofia, Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – PGCult da Universidade Federal do Maranhão – UFMA

²Doutor e Pós-Doutor em Filosofia, Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – PGCult da Universidade Federal do Maranhão – UFMA

³Doutora em Filosofia, Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – PGCult da Universidade Federal do Maranhão – UFMA

⁴Doutora e Pós-Doutora em Direito, Professora do Departamento de Direito e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – PGCult da Universidade Federal do Maranhão – UFMA

ARTICLE INFO

Article History:

Received 17th March, 2020

Received in revised form

11th April, 2020

Accepted 16th May, 2020

Published online 30th June, 2020

ABSTRACT

Este artigo pretende apresentar alguns possíveis princípios para uma interdisciplinaridade ecológica e contextualizada com base na ideia de ecosofia contida em *As três ecologias* de Félix Guattari. Para tanto, detalha-se o contexto histórico e biográfico pertinentes à elaboração de *As três ecologias*. Em seguida, expõe-se o projeto da ecosofia e seus princípios. Por fim, do ponto de vista dos resultados, explicita-se de que maneira os princípios da ecosofia possam ser utilizados como princípios para uma interdisciplinaridade ecológica e contextualizada.

Key words:

Guattari, Ecosofia, Interdisciplinaridade, Ecologia.

*Corresponding author:

Flávio Luiz de Castro Freitas

Copyright © 2020, Flávio Luiz de Castro Freitas et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Flávio Luiz de Castro Freitas, Luciano da Silva Façanha, Zilmara de Jesus Viana de Carvalho and Mônica Teresa Costa Sousa. "Possíveis princípios para a construção de uma interdisciplinaridade ecológica e contextualizada a partir da ecosofia de guattari", *International Journal of Development Research*, 10, 06, 37215-37222.

INTRODUCTION

O objetivo geral do presente artigo consiste em explicitar alguns possíveis princípios para a construção de uma interdisciplinaridade ecológica e contextualizada a partir da ideia de "ecosofia", tal qual está exposta em *As três ecologias* de Félix Guattari, de 1989. Ademais, partimos do pressuposto de que a interdisciplinaridade possa ser definida por uma dimensão prática e por uma seara especulativa contextualizadas à luz de problemas específicos, elaborados em cada experiência de pesquisa e em cada vivência ética, política e estética. Portanto, compreendemos que o conceito de ecosofia possa contribuir para o desenvolvimento de um exercício interdisciplinar capaz de atender aos auspícios de

investigar manifestações, experiências e formas de organização social. Isso tudo sem deixar de abranger, numa discussão epistêmica, ética, política e estética, a diversidade sociocultural numa perspectiva histórica e contextualizadora, identificando, atualizando e problematizando os limites e possibilidades da reprodução social, vindo a descrever como tais práticas sociais são absorvidas, recriadas e transmitidas às gerações futuras. Por conseguinte, uma interdisciplinaridade ecológica e contextualizadora não pode ser compreendida como um procedimento neutro em que não há uma implicação dos usuários e uma inserção no processo predominantemente construtivista de exercício da ecosofia. Em outros termos, o ambiente construído pela perspectiva ecológica e contextualizadora consiste no exercício meta-modelizador

“daquilo que está disponível a mão” (conhecimentos acadêmicos, saberes tradicionais, dispositivos tecnológicos e produção artística) durante atravessamentos propiciados pelas vivências decorrentes do processo de pesquisa. Então, há toda uma produção da subjetividade no âmbito da pesquisa interdisciplinar que está relacionada aos distintos regimes semióticos, cujos princípios podem ser compreendidos através da ecosofia.

Isso significa trazer à tona as geografias, as histórias, os conflitos éticos, étnicos, políticos e estéticos que constituem cada indivíduo e grupo social e que emergem em cada fase dos processos de construção de conhecimento. Assim, uma interdisciplinaridade ecológica e contextualizadora pode proporcionar o exercício de meta-modelização das relações da subjetividade para com suas fantasias e imaginários, vindo a contribuir no processo ativo de transformação dos grupos, cujo critério predominante está voltado para a realização das tarefas de maneira ativa e autônoma numa relação de cuidado e reinvenção junto à vida animal, vegetal e cósmica.

Desse modo, é importante e oportuno elucidar o contexto histórico em que foi produzido o texto de *As três ecologias* e o fundo biográfico no qual Guattari se localizava naquela circunstância. De um ponto de vista histórico, as páginas de *As três ecologias* estão de alguma maneira relacionadas à gênese, ao desenvolvimento e aos embates (internos e externos) realizados pelo movimento ecológico francês entre as décadas de 70 e 80 do Século XX. Nos anos 70 do Século XX, o movimento ecológico francês obteve um desenvolvimento notório relativo à mobilização voltada para a contestação do uso da energia e das armas nucleares. Em outubro de 1971 foi realizada a mobilização ecológica, liderada por Pierre Fournier, que reuniu por volta de 15 mil pessoas. Paralelo a isso, ainda em 1971, foi criada uma seccional dos “Amigos da Terra”, em Paris, por obra de Alain Herve. Em seguida, em 1972, Fournier lançou seu jornal de militância ecológica intitulado de *La Gueulle Ouverte*. Por consequência, na eleição presidencial de 1974, Rene Dumont obteve 1,36% dos votos válidos. Isso foi considerado pelos ecologistas um grande avanço para uma nascente esquerda não-ortodoxa e herdeira do maio de 68. Já em 1977 ocorre uma manifestação com a participação de 40 mil pessoas visando protestar contra a construção do reator nuclear Super Fênix. O saldo da manifestação termina com um manifestante morto e outros cinquenta feridos. O efeito desse poder de manifestação dos ecologistas foi verificado na eleição presidencial de 1981 na França, pois Brice Lalonde obteve 3,68% dos votos válidos. Semelhante votação implica, em 1984, na união entre dois dos grandes movimentos ambientais e ecológicos franceses (a “Confederação Ecologista” e a “Organização Ecologia e Sobrevivência”) para fundar o Partido Verde francês, conhecido como os “Verdes”. É nesse contexto que, em 1985, Félix Guattari adere aos “Verdes”, que por sua vez já apresentavam internamente uma discussão entre direita e esquerda do movimento ambiental e ecológico na França:

Nesse clima, Felix Guattari abre passagem e adere as Verdes em 1985. Esse é o ano do caso *Rainbow Warrior*, navio do Greenpeace afundado pelos serviços secretos franceses em Auckland, na Nova Zelândia, em 10 de julho, Jean Chesneaux, que mais tarde se tomou presidente de honra do Greenpeace da França, e constituiu junto com outros um pequeno coletivo de protesto, “Não afunde meu navio”, e organiza uma manifestação de protesto em navio

com apoio do prefeito de Conflans-Sainte-Honorine, Michel Rocard: “Havíamos negociado um navio da prefeitura no qual fizemos uma manifestação no Sena, e imaginávamos ingenuamente que haveria centenas de navios com bandeiras antinucleares. Éramos apenas cinco e Guattari estava presente”. (DOSSE, 2010, p. 316).

Dessa maneira, a partir da segunda metade da década de 80 do Século XX, ocorre todo um processo de difusão na Europa do movimento ambiental e ecológico, obtendo 11% dos votos nas eleições parlamentares com nove deputados eleitos. Nesse contexto, em 1989, Guattari participa da fundação da revista *Transversales*, que contava com um grupo de pessoas portadoras de alguma sensibilidade ecológica, como Edgar Morin e Paul Virilo. Assim, no segundo número da revista, Guattari começa a publicar sobre a ecosofia. Durante esse processo de engajamento ecológico e organização de uma revista que tratasse da transversalidade, Guattari elabora um extenso texto denominado de *Cartografias Esquizoanalíticas*, que tinha por objetivo desenvolver algumas ideias cuja gênese está contida em *O Anti-Édipo* e foram aprimoradas em *Mil platôs*, ambos publicados juntamente com Gilles Deleuze. Dentre essas ideias, estavam alguns dos princípios que orientam a esquizoanálise enquanto meta-modelização micropolítica ou psicanálise política e social contestadora do Édipo¹.

Agregado a esse trabalho, Guattari tentou publicar um volume que tratasse apenas de ecologia e de meio ambiente. Entretanto, Paul Virilo recomendou que Guattari publicasse seus pensamentos sobre ecologia em separado do texto das *Cartografias*, uma vez que, na avaliação de Virilo, havia algo de inovador e diferenciado nessas ideias ecológicas. Essa inovação de Guattari resultava de tentar, ao mesmo tempo, submeter o tema da ecologia a um tratamento crítico de ordem micropolítica ou esquizoanalítica e aprimorar a transversalidade enquanto método de pesquisa. Essa abordagem transversal da ecologia permite que Guattari proponha duas outras dimensões interligadas, além do aspecto ambiental: subjetividade e sociabilidade. Por conseguinte, o desenvolvimento das pesquisas relativas à transversalidade como um método de meta-modelização (apropriação singular e seletiva para a construção de territórios existenciais a partir de universos referenciais de valores) puderam ser verificadas alguns anos depois do lançamento de *As três ecologias*², visto que Guattari apresenta com maiores detalhes a proposta de um novo paradigma ético e estético para as ciências humanas calcada nessa ideia de transversalidade³, isso ocorre precisamente no texto intitulado de *Caosmose*:

O diagnóstico se revelou correto: *As Três Ecologias*, publicado em 1989, é um sucesso editorial. Guattari define ali o que entende por ecosofia como articulação necessária entre a dimensão política e ética de três registros, que são a questão do meio ambiente, a das relações sociais e a dimensão subjetiva. Encontra-se nele a preocupação

¹ Existem importantes contribuições para a discussão do tema da ecologia no pensamento de Guattari na coletânea organizada por Bernd Herzogenrath, cujo título é *Deleuze|Guattari & Ecology*.

² Acerca de maiores detalhes da gênese, desenvolvimento e funcionamento a respeito da ideia de ecosofia, é imprescindível conferir o trabalho de Guattari que foi postumamente editado e organizado por Stéphane Nadaud, cujo título é *Qu'est-ce que l'écologie? [1985-1992]*.

³ Há uma importante contribuição para a noção de “transversalidade” em Guattari na chave de leitura proposta por Baremlitt em *Cinco lições sobre a transferência*.

constante de levar em conta os modos de subjetivação, articulando-os a partir de seus pontos de ancoragem. Assim, ele constata que os progressos tecnológicos permitem liberar tempo para o homem, mas se coloca a questão dos usos dessa liberação. Enfatiza também a escala de análise, que só pode ser planetária em tempos de mercado mundial um novo paradigma ético-estético teria como ambição pensar os três registros, que sejam uma ecologia mental, uma ecologia social e uma ecologia ambiental. Seu método, como desde o primeiro dia, continua transversal e procura evidenciar em cada caso os vetores potenciais de subjetivação para permitir o florescimento das diversas formas de singularidade. (DOSSE, 2010, p. 319).

proposta da ecosofia: Sendo assim, de um ponto de vista esquemático, o objetivo central de *As Três Ecologias* de Guattari consiste em apresentar a articulação entre uma dimensão crítica e uma dimensão propositiva de pensamento voltada para abordar o comprometimento da relação entre a subjetividade e sua exterioridade. Tamanho comprometimento equivale ao movimento geral de implosão e de infantilização regressiva da relação entre a subjetividade e a exterioridade social, animal, vegetal e cósmica. A dimensão crítica dessa articulação concerne à identificação e à problematização das condições envolvidas no comprometimento da subjetividade com sua exterioridade. Já a dimensão propositiva diz respeito à proposta ético-política que relaciona três registros ecológicos, os quais Guattari afirma serem capazes de elucidar o comprometimento da subjetividade contemporânea. A proposta é intitulada de “ecosofia” e os registros são os seguintes: meio ambiente, relações sociais e subjetividade.

Uma ecosofia de um tipo novo, ao mesmo tempo prática e especulativa, ético, política e estética, deve a meu ver substituir as antigas formas de engajamento religioso, político, associativo... Ela não será nem uma disciplina de recolhimento na interioridade, nem uma simples renovação das antigas formas de "militantismo". Tratar-se-á antes de movimento de múltiplas faces dando lugar a instâncias e dispositivos ao mesmo tempo analíticos e produtores de subjetividade. Subjetividade tanto individual quanto coletiva, transbordando por todos os lados as circunscrições individuais, "egoíadas", enclausuradas em identificações, e abrindo-se em todas as direções: do lado do socius, mas também dos Phylum maquínicos, dos Universos de referência técnico-científicos, dos mundos estéticos, e ainda do lado de novas apreensões "pré-pessoais" do tempo, do corpo, do, sexo... Subjetividade da ressingularização capaz de receber cara-a-cara o encontro com a finitude sob a forma do desejo, da dor, da morte... (GUATTARI, 1990, p. 54).

Nesse sentido, a ecosofia é um movimento prático e especulativo de ordem ética, política e estética voltada para substituir antigas formas de engajamento religioso, político e associativo, na mesma medida em que elabora dispositivos e instâncias capazes de produzir a subjetividade individual e coletiva, visando sempre a apropriação crítica e a singularização dos meios durante esse processo. Isso concerne aos usos do tempo, do corpo, do sexo e do próprio trabalho.

De um ponto de vista esquemático, a ecosofia só é exercida quando os três registros são relacionados para fins de elucidação da implosão e da infantilização da subjetividade no mundo contemporâneo. Por conseguinte, para desenvolver sua

dimensão crítica e seu aspecto propositivo, o argumento de Guattari é construído ao longo da exposição de sucessivas contraposições. Essa construção não opera em momento algum a síntese entre as contraposições. Porém, questiona e problematiza pela transversalidade que pode ser encontrada em cada uma das contraposições apresentadas.

Concluindo, as três ecologias deveriam ser concebidas como sendo da alçada de uma disciplina comum ético-estética e, ao mesmo tempo, como distintas uma das outras do ponto de vista das práticas que as caracterizam. Seus registros são da alçada do que chamei heterogênese, isto é, processo contínuo de ressingularização. Os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes. (O mesmo se passa com a ressingularização das escolas, das prefeituras, do urbanismo etc) (GUATTARI, 1990, p. 55).

Dessa maneira, Guattari inicia sua linha argumentativa, em *As três ecologias*, destacando a existência de uma poderosa contraposição, que pode também ser considerada como um diagnóstico do planeta Terra na segunda metade do Século XX. Semelhante contraposição possui dois componentes antagônicos: 1 - intensas transformações técnico-científicas; 2 - fenômenos de desequilíbrios ecológicos capazes de ameaçar a vida no planeta. A articulação entre esses dois componentes pode ser enunciada na seguinte fórmula: “Embora existam transformações técnico científicas, há também desequilíbrios ecológicos que ameaçam a vida na Terra”⁴. Não apenas isso, o argumento de Guattari prevê um paralelo de seu segundo componente (“desequilíbrio ecológico”) com a deterioração dos modos de vida humano, tanto numa perspectiva individual quanto no âmbito coletivo. Isso significa que, na contraposição inicial de Guattari, o desequilíbrio ecológico e a deterioração dos modos de vida humano ocorrem ainda que existam intensas transformações técnico-científicas. O significado inicial dessa deterioração corresponde à padronização agressiva dos comportamentos conjugais e familiares, bem como à captura da vida doméstica por parte dos meios de comunicação de massa. Essa captura está relacionada ao excessivo investimento afetivo, cognitivo e laboral junto à semiótica arcaizante constitutiva desses mesmos meios de comunicação. Consequentemente, Guattari entende que a questão de fundo, pertinente às relações entre a subjetividade e a sua exterioridade, seja a maneira de viver no planeta diante do contexto de transformações técnico-científicas e de considerável crescimento demográfico. Essa questão carrega consigo relevantes corolários práticos aventados por Guattari, dentre eles surge o tema do tempo disponível para a atividade humana decorrente dos efeitos da revolução informacional junto aos meios de produção:

Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da re-invenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade? No Terceiro Mundo, como no mundo desenvolvido, são blocos inteiros da subjetividade coletiva que se afundam ou se encarquilham em arcaísmos, como é o caso, por exemplo,

⁴ É interessante sentir uma espécie de meta-modelização da ressonância rousseauiana nesse paradoxo nuclear de Guattari, especificamente uma reverberação do segundo discurso – *Discurso sobre as ciências e as artes*.

da assustadora exacerbação dos fenômenos de integrismo religioso. (GUATTARI, 1990, p, 08).

Como decorrência disso, Guattari apresenta sua hipótese para contribuir na construção de uma resposta para a crise ecológica planetária. Essa hipótese propõe que o encaminhamento para a crise ecológica necessite estabelecer como condição uma reorientação dos objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Para tanto, essa reorientação será fruto de uma revolução política, social e cultural. Ocorre que Guattari não compreende o processo e a ideia de revolução apenas relativo às forças visíveis em grande escala (forças produtivas, Estado, dentre outras), entretanto também aborda os domínios moleculares da sensibilidade, da inteligência e do desejo. Os domínios moleculares da sensibilidade, da inteligência e do desejo se opõem aos domínios molares dessas mesmas instâncias ou faculdades. Nesse ponto é oportuno realizar uma elucidação terminológica. Guattari, bem como Deleuze, entende que, do ponto de vista da produção social e da produção desejante dos grupos e indivíduos, existem duas esferas distintas: a molar e a molecular.

A esfera molar equivale às representações produzidas para pensar e organizar a vida social. Essas representações não são apenas cognitivas, mas sofrem com um intenso investimento afetivo. E, caso se considere a tópica freudiana (modelo para explicar e compreender a vida psíquica), essas representações podem ser de ordem consciente, bem como podem ser representantes pulsionais inconscientes. Neste último caso, as representações são marcadas pela estruturação da narrativa do drama familiar papai-mamãe-eu, que culmina nos pequenos amores, no gosto pelo clichê e em modelos sociais que podem alimentar o culto à personalidade. Por outro lado, a dimensão molecular corresponde a outro modelo de inconsciente, que foi domado pelas forças de repressão social via a operação do recalque, fornecendo, assim, as condições para a organização do inconsciente molar (ou do drama familiar). Esse inconsciente molecular, também chamado de “maquínico” ou de “esquizo”, pode ser caracterizado pelas sínteses de processos heterogêneos, cujos componentes prioritários são os objetos parciais. Para Guattari, os objetos parciais funcionam como peças integrantes do inconsciente maquínico, ou das máquinas desejantes. Eles nunca possuem formas antropomórficas personalizadas, porque são fragmentos de fragmentos em movimento constante. A forma desses objetos parciais nunca é imóvel ou estanque, eles estão sempre no limite e se deslocando como informes ou disformes. Contudo, dentro da psicanálise, o conceito de objeto parcial possui uma história peculiar, que, nesse caso, passa a impressão de ter ficado mais notabilizado por Melaine Klein. Assim, os objetos parciais são os objetos visados pelas pulsões parciais, sem serem necessariamente pessoas em seu conjunto. Os objetos parciais são, sobretudo, partes do corpo (seio, pênis) ou seus correlatos simbólicos. Tanto uns quanto os outros são dotados de características similares as de uma pessoa (perseguição, benevolência). Isso não impede, do ponto de vista do aparelho psíquico, que uma pessoa se identifique ou possa ser identificada com um objeto parcial.

Nesse sentido, os objetos parciais, para Guattari, estão sempre estabelecendo relações com outros múltiplos objetos parciais, os quais também estão em outras tantas múltiplas relações com outros objetos, compondo uma rede construtivista sem nunca haver propriamente um centro ou um destino final a ser alcançado. Esse constante choque entre os objetos parciais e a

velocidade nas suas conexões tem por consequência os devires dos indivíduos e dos grupos.

Um devir é um processo de transformação. Mas não se trata de qualquer transformação, pois os devires possuem um sentido específico: eles vão da forma hegemônica, constituída e opressiva para os processos disformes, em construção, capazes de fomentar e “oxigenar” a criatividade, a resistência e a alegria. Portanto, nunca há um “devir-homem”, visto que ele é a forma hegemônica, mas um “devir-mulher”, um “devir-animal”, um “devir-criança”, “devir-louco”, “devir-trans”, “devir-índio”, “devir-quilombola”, dentre tantos outros. Ademais, um devir nunca visa constituir uma forma estabelecida, pois ele é sempre a saída minoritária para uma situação (política, social, religiosa, amorosa, filosófica, institucional, etc.) opressiva, sufocante e forçosamente homogeneizante. Uma saída minoritária significa uma zona de indiscernibilidade na qual outras conexões estão sendo construídas para propiciar o surgimento do “novo”.

Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão “o que você está se tornando?” é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos. As núpcias são sempre contra natureza. As núpcias são o contrário de um casal. Já não há máquinas binárias: questão-resposta, masculino-feminino, homem-animal etc. Uma entrevista poderia ser simplesmente o traçado de um devir. A vespa e a orquídea são o exemplo. A orquídea parece formar uma imagem de vespa, mas, na verdade, há um devir-vespa da orquídea, um devir-orquídea da vespa, uma dupla captura pois “o que” cada um se torna não muda menos do que “aquele” que se torna. A vespa torna-se parte do aparelho reprodutor da orquídea, ao mesmo tempo em que a orquídea torna-se órgão sexual para a vespa. Um único e mesmo devir, um único bloco de devir, ou, como diz Rémy Chauvin, uma “evolução a-paralela de dois seres que não têm absolutamente nada a ver um com o outro”. Há devires animais do homem que não consistem em imitar o cachorro ou o gato, já que o animal e o homem só se encontram no percurso de uma desterritorialização comum, mas dissimétrica. Como os pássaros de Mozart: há um devir pássaro nessa música, mas tomado em um devir-música do pássaro, os dois formando um único devir, um único bloco, uma evolução a-paralela, de modo algum uma troca, mas “uma confidência sem interlocutor possível”, como diz um comentador de Mozart – em suma, uma conversa. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 03)

Por isso, entrar num devir, ou conseguir promover conexões heterogêneas entre objetos parciais, significa elaborar uma linha de fuga e despertar, seja enquanto indivíduo, seja como sociedade, para uma sensibilidade e para uma percepção acerca daquilo que outrora estava sendo invisibilizado por perspectivas hegemônicas de vida. Nesse sentido, o argumento de Guattari acerca da revolução propõe, como meta parcial, o redirecionamento da finalidade do trabalho social para um caminho que não seja univocamente apenas o do universo referencial do lucro e das relações de poder numa dimensão molar e numa seara molecular (devires). Na verdade,

a seara molecular é a instancia na qual o elemento transformador se origina e é capaz de promover investimentos afetivos, cognitivos e práticos capazes de uma apropriação ativa mesmo no âmbito molar. Isso significa que é plenamente possível existirem investimentos conscientes de ordem emancipatória, mas serem eclipsados por investimentos inconscientes de âmbito conservador (inserção subserviente e agressiva, em termos práticos, num modelo estabelecido, ainda que defenda verbalmente princípios da ordem dos processos de autonomia). Por conseguinte, o “revolucionar”, em *As três ecologias*, está relacionado à apropriação ativa, molar e molecular, das forças sociais em relação aos meios científicos e tecnológicos:

Assim, para onde quer que nos voltemos, reencontramos esse mesmo paradoxo lancinante: de um lado, o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta e, de outro lado, a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos (GUATTARI, 1990, p. 12).

Esse paradoxo ou contraposição nuclear do argumento de Guattari tem a função de caracterizar, cartografar, desenhar e sistematizar um contexto no qual surgem as problemáticas ecológicas que justificam e explicam o surgimento da ecosofia e da transversalidade de seus três registros interdisciplinares. O contexto do paradoxo nuclear pode ser compreendido, em termo de referências históricas, como sendo equivalente ao capitalismo pós-industrial, tecnológico e dependente dos meios de comunicação de massa, que Guattari opta em caracterizar como sendo “Capitalismo Mundial Integrado” (CMI)⁵. Esse CMI possui enquanto tendência determinante descentralizar seus focos de poder das estruturas da produção de bens e serviços para as estruturas de produção de uma subjetividade homogênea e vinculada à arcaísmos repressores e sufocantes, sobretudo por meio das mídias, da publicidade e das sondagens.

Proponho reagrupar em quatro principais regimes semióticos os instrumentos sobre os quais repousa o CMI:

- a) as semióticas econômicas (instrumentos monetários, financeiros, contábeis, de decisão...);
- b) as semióticas jurídicas (título de propriedade, legislação e regulamentações diversas...);
- c) as semióticas técnico-científicas (planos, diagramas, programas, estudos, pesquisas...);
- d) as semióticas de subjetivação, das quais algumas coincidem com as que acabam de ser enumeradas mas conviria acrescentar muitas outras, tais como aquelas relativas à arquitetura, ao urbanismo, aos equipamentos coletivos etc. (GUATTARI, 1990, p. 33).

Assim, o CMI repousa sobre distintos regimes semióticos (signos visuais) como as semióticas econômicas, jurídicas, técnico-científicas e de subjetivação como a arquitetura, o urbanismo e os equipamentos coletivos (parques, praças,

praias, dentre outros). Esses signos se articulam com fins de expropriação não apenas do tempo cronológico, mas da força vital, da capacidade criativa e do desvelamento de horizontes. Terminando por acometer não apenas grupos abastados e classes médias, contudo camadas de trabalhadores e excluídos sociais, impondo arcaísmos midiáticos como formas de vida a serem vividas. Por conseguinte, esse contexto, a partir do já mencionado paradoxo nuclear, pode também ser culturalmente caracterizado da seguinte maneira: 1 – esgotamento de oposições dualistas tradicionais que guiaram o pensamento social e as cartografias geopolíticas; 2 – o antagonismo transversal das relações homem-mulher; 3 – a produção da subjetividade da juventude capturada e homogeneizada pela mídia. Em relação ao esgotamento de oposições dualistas tradicionais que guiaram o pensamento social e as cartografias geopolíticas, *As três ecologias* tratam da fragilizada da oposição rígida entre os países em desenvolvimento (anteriormente Terceiro Mundo) e os países ricos, uma vez ocorre uma periferização no interior dos países ricos análogo ao enriquecimento assimétrico vivenciado dentro de países em desenvolvimento. Isso significa que não havendo uma distribuição das riquezas, há uma partilha da pobreza, seguida de suas consequências jurídicas, políticas e sociais. Portanto, no argumento de Guattari, os conflitos e as tensões carecem de perspectivas de sistemas multipolares heterogêneos para abordar temas como o racismo e a imigração.

Naquilo que tange ao antagonismo transversal das relações homem-mulher, Guattari problematiza a possível melhora da condição feminina, frisando a exploração do trabalho feminino e, com base no esquema argumentativo de seu paradoxo nuclear, afirma que embora ocorra a ascensão de alguns arcaísmos religiosos que busquem comprometer a emancipação feminina, seguida de sua independência econômica e sexual, há o avanço dessa emancipação no sentido de elaboração de algumas políticas e eventuais conquistas em espaços societários. No que concerne à produção da subjetividade da juventude capturada e homogeneizada pela mídia, o paradoxo nuclear de Guattari afirma que mesmo sendo esmagada pelas relações econômicas dominantes e manipulada pela captura midiática, a juventude consegue construir o mínimo de territórios existenciais ativos, capazes modelar com alguma autonomia suas vidas. Nesse ponto requer outra elucidção. Trata-se da noção de “Territórios existenciais”. Um território existencial é antes de mais nada um "território" e este pode ser definido como equivalente a um código, ou seja, é um sistema dotado ou não de pelo menos um centro em que todos os elementos integrantes estão relacionados, podendo culminar ou não num tipo de organização política estática e repressiva. Um território existencial está sempre em construção e pode ser considerado um contínuo movimento de deslocamento em relação a si mesmo, tomando como base os universos referenciais de valores que se expressam em regimes semióticos. Em suma, um território existencial é repleto de perigos e oportunidades. Todavia, em ambos, algo permanece, pois tanto nos perigos, quanto nas oportunidades, existe o constante processo de maquinação.

- Territorialidade/reterritorialização/desterritorialização: (...) a noção de território é entendida aqui num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que dela fazem a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode

⁵ Sobre as consequências do conceito de CMI para a filosofia política e para a análise geopolítica, é importante conferir o trabalho *Império* de Michael Hardt e Antonio Negri.

ser relativo tanto a um espaço vivido, quanta a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente «em casa». O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323).

Ocorre que um território existencial não é constituído apenas pelo seu funcionamento interno, uma vez que existe aquilo que está fora de suas fronteiras e não é necessariamente outro território. São movimentos que desestabilizam as regiões cristalizadas de um território individual ou coletivo e que funcionam como um tipo de horizonte para a fuga de forças sufocantes ou repressivas.

Os três registros transversais ou interdisciplinares: Posto isso, Guattari entende que o princípio prático capaz de coordenar a ecosofia em seus três registros ou dimensões postula que é necessário liberar as antinomias principiológicas que estão presentes em cada desses registros (subjetivo/mental, social e ambiental). Essa liberação possui como pressuposto compreender os Territórios existenciais como finitos, singulares e singularizados capazes de se dividir em duas direções: reiterações estratificadas e mortíferas ou abertura processual a partir de uma práxis que permita habitá-lo como projeto humano.

Isso significa um construtivismo do uso e exercício íntimo do corpo, do meio ambiente, da nação e até dos direitos relativos à concepção de humanidade. Portanto, não há uma regra geral e universal que não seja a construção e apropriação gradativamente emancipadora dos Territórios existenciais.

O princípio comum às três ecologias consiste, pois, em que os Territórios existenciais com os quais elas nos põem em confronto não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas como um para-si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiterações estratificadas e mortíferas ou em abertura processual a partir de práxis que permitam torná-lo "habitável" por um projeto humano. E essa abertura práxica que constitui a essência desta arte da "eco" subsumindo todas as maneiras de domesticar os Territórios existenciais, sejam eles concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente ou aos grandes conjuntos contextuais relativos à etnia, à nação ou mesmo aos direitos gerais da humanidade. Assim sendo, esclareçamos que não se trata para nós de erigir regras universais a título de guia de tais práxis, mas, ao contrário, de liberar as antinomias de princípio entre os três níveis ecosóficos ou, se preferirmos, entre as três visões ecológicas, as três lentes discriminantes aqui em questão. (GUATTARI, 1990, p. 37).

Dessa maneira, enquanto corolário desse princípio geral da ecosofia, Guattari postula que cada uma das três ecologias ou registros ecológicos possui seu próprio princípio específicos, mas que se interliga de maneira transversal com cada um dos outros princípios. Assim, a ecologia mental ou subjetiva aborda os Territórios existenciais com base numa lógica pré-objetual ou pré-pessoal. Guattari afirma que trata-se da lógica do processo primário freudiano, ou seja, em que há o "terceiro incluído" (contrariando o postulado aristotélico), no qual o

belo coexiste com o feio, o dentro com o fora, o amor com o ódio, o "bom" objeto com o "mau" objeto. Ocorre que Guattari entende que esse material primário é produzido, em escala industrial, a partir da mídia e dos equipamentos coletivos. Esse material é predominantemente caracterizado por fragmentos heterogêneos que atuam como catalizadores de bifurcações existenciais. Para abordar esses fragmentos constitutivos do processo primário, Guattari propõe um conjunto de características para o modelo de pensamento e análise pertinentes à ecologia mental: 1 – descrição das cadeias discursivas que estão operando a ruptura de sentido e 2 – operar conceitos que realizem uma constante auto-reconstrução teórica e prática em função dos problemas colocados em cada ocasião.

Com isso, o objetivo de uma ecologia mental consiste em possibilitar que indivíduos e grupos possam apreciar e usufruir da finalidade do trabalho e das atividades humanas (cultura, esporte, lazer) sem recorrer, exclusivamente, aos critérios do rendimento e do lucro. Isso significa que uma ecologia mental preconiza o desenvolvimento de práticas sociais e institucionais inovadoras, através de experiências alternativas que estejam baseadas no respeito à singularidade e no trabalho de produção da subjetividade.

Por sua vez, o princípio da ecologia social (outro registro ou dimensão da ecosofia) propõe um investimento afetivo e pragmático em grupos humanos de distintas dimensões. De acordo com Guattari, esse investimento (ou "Eros" de grupo) corresponde à uma reconversão energética da subjetividade do processo primário da ecologia subjetiva ou mental. Isso significa que a constituição e produção da subjetividade, na perspectiva da ecologia social, possui dois encaminhamentos: familiarização e reivindicação ativa. O primeiro encaminhamento, da familiarização, diz respeito à triangulação da subjetividade no modelo Eu-Tu-Ele ou pai-mãe-filho, em que o "eu" e o "outro" são construídos no decorrer do jogo de identificações e imitações, culminado na organização de grupos com base no modelo de referência familiar ou do chefe de família. Isso conduz às situações extra-familiares como à sujeição ao "chefe", ao "líder" midiático e ao "comandante" messiânico, pois embora ocorra toda uma suposta tentativa de racionalização para minimizar os efeitos dessa sujeição, ela ainda trabalha direcionada a partir desses investimentos do assujeitamento. Guattari reitera que é dentro dessas coordenadas que posturas autoritárias são desenvolvidas e encontram aceitação nos investimentos afetivos quotidianos dos indivíduos e das coletividades. O segundo encaminhamento, da reivindicação ativa, concerne à constituição de grupos-sujeito auto-referentes, capazes de gradativamente gerirem a si mesmos. Esses grupos-sujeito estão amplamente abertos aos elementos heterogêneos (diferença) da sociedade e ao próprio cosmos dos elementos não-humanos. Para Guattari, esse encaminhamento da ecologia social é marcado também pela substituição de sistemas de identificação pela operação de traços diagramáticos. Guattari elucida que um traço diagramático é caracterizado pelo seu grau de desterritorialização, o qual consiste na capacidade de estabelecer relações com elementos e processos de natureza heterogênea, mas sem nunca haver uma identificação simbiótica com eles. Ademais, esses elementos ou processos heterogêneos devem ser capazes de aumentar o potencial de criação e, portanto, de alegria do traço diagramático que está em constante relação com os mesmos. É oportuno elucidar que um traço diagramático é como um corte transversal, em

que ocorre a apropriação ativa de uma característica (que pode estar formada ou não) de um indivíduo ou de um grupo que possa metabolizar ou metamorfosear os investimentos da ordem da tristeza e da sujeição. O exemplo apresentado por Guattari em *As três ecologias* é extremamente interessante:

Por exemplo, podemos distinguir a imitação identificatória de um aluno pianista com relação a seu mestre de uma transferência de estilo, suscetível de bifurcar numa via singular. De modo geral, distinguiremos os agregados imaginários de massa dos Agenciamentos coletivos de enunciação implicando tanto traços pré-pessoais quanto sistemas sociais ou componentes maquínicos (GUATTARI, 1990, p. 44-45).

Trata-se, portanto, da transferência de “um” estilo e não propriamente a identificação simbiótica, marcada por pequenas vantagens perversas, que está em questão. Essa transferência de um estilo possui um significado psicanalítico de abertura do inconsciente, porém possui um outro significado mais específico, pois corresponde à apropriação de um traço de uma característica para resolução de problemas localizados de ordem musical, o que pode levar à metabolização e à metamorfose, por meio dos usos, desse traço ao ser relacionado com outros processos na execução da técnica que operacionaliza o estilo. Com base nisso, o elemento programático da ecologia social preconiza a substituição do sistema de valores exclusivamente baseado no lucro por outros sistemas de valores como valores estéticos, da rentabilidade social e do próprio desejo. Essa substituição criativa diz respeito à construção de Territórios existenciais por parte dos indivíduos e dos grupos. Essa construção decorre de maneira direta da reivindicação ativa e crítica operacionalizada pela desterritorialização dos traços diagramáticos, que é vivenciada na “modelagem” da subjetivação pessoal e coletiva.

Em se tratando da ecologia ambiental, Guattari postula, enquanto princípio particular, que tudo é possível, tanto as piores catástrofes quanto as evoluções mais flexíveis. Isso significa que os equilíbrios naturais dependerão cada vez mais da intervenção humana e, conseqüentemente, a relação homem-natureza não estará mais submetida aos dois extremos relativamente ingênuos e destrutivos. No primeiro extremo, cabe ao homem conhecer para prever e dominar a natureza. No outro extremo, a ideia de que a natureza somente por si, no atual contexto, irá cuidar de si e do homem. Um possível corolário do princípio da ecologia ambiental pode ser pensado da seguinte maneira: a natureza pode até cuidar do homem, desde que ele seja cuidadoso para com ela. Isso significa que a relação homem-natureza não será pensada como um binômio rígido e estanque, pois há elementos humanos na natureza e elementos naturais no homem numa relação propositadamente paradoxal, criando um curto circuito vitalista capaz de salvaguardar o homem e a natureza. Logo, nesse caso, a importância reside no processo de implicação mútua e nunca em um dos termos. Esse cuidado para com a natureza deve ser pensado dentro dos limites do paradoxo nuclear de Guattari para tratar da ecologia e da questão ambiental: aceleração dos progressos técnico-científicos conjugada ao intenso crescimento demográfico e com a necessidade de uma apropriação crítica desses avanços por parte das forças sociais (indivíduos e grupos). O significado disso tange diretamente às ações humanas para reparar situações como o pulmão amazônico e o reflorestamento do Saara. Além disso, existe toda a delicada questão bioética da criação de novas espécies

vivas vegetais e animais, que segundo Guattari requer uma ética ecosófica (capaz de articular política e estética) para tratar de cada situação nova que possa surgir.

Considerações Finais

À guisa de conclusão, e do ponto de vista dos resultados, é apropriado retomarmos nosso objetivo geral: explicitar alguns possíveis princípios para a construção de uma interdisciplinaridade contextualizada, ecológica e ambiental a partir da ideia de “ecosofia”, tal qual está exposta em *As três ecologias* de Félix Guattari, de 1989. Compreendemos que esses princípios possam ser de dois tipos: um princípio geral e três princípios específicos. O princípio geral diz respeito à ecosofia como um todo e ele prega que é necessário liberar as antinomias principiológicas dos registros específicos. Essa liberação não buscar solucionar as antinomias como uma síntese, nem estabelecer critérios hierárquicos para a solução do conflito entre as antinomias. Além disso, esse princípio geral também preconiza o postulado construtivista no qual o processo de construção de territórios existenciais ocorre de maneira semelhante a um “para-Si” da consciência, em que não coexistem “coisas”, mas intencionalidades voltadas para as coisas que são externas ao processo, cujo fundo (e o fundamento) é a própria nadificação que possibilita a apropriação singular de regimes semióticos constituídos (se apropriar de um microscópio, de um software, de um texto, de um apontamento do professor, de um procedimento técnico, dentre outros).

Nesse sentido, semelhante apropriação e liberação de antinomias podem ser compreendidas como a possibilidade de coexistência entre os princípios, vindo a compor uma forma geométrica fornecedora de coordenadas e sentido para a vivência interdisciplinar. Em outras palavras, a pesquisa interdisciplinar, sobretudo nas ciências humanas, pode estar voltada para a construção de Territórios existenciais com base em distintos saberes e conhecimentos, bem como em objetos de estudo que por sua natureza escapam às abordagens disciplinares, demarcando, assim, verdadeiros processos de heterogênesse e devir. Naquilo que concerne aos princípios específicos, é oportuno pontuar um a um. O princípio da ecologia mental ou subjetiva consiste em identificar os investimentos e possibilidades de investimentos, afetivos e cognitivos, que não sejam portadores de uma forma humana (antropomorfismo) acabada. Trata-se de construções marcadas por hibridismos entre seres de natureza diversa que possuam algum nexo de continuidade heterogênea entre si, cujo critério que, garante alguma harmonia e consistência, é a simpatia. Nesse caso, a simpatia pode ser considerada o funcionamento entre elementos díspares entre si. A potência da simpatia permite a agregação da disparidade numa construção de intensidades que permitem percepções, sentimentos, percepções e pensamentos que construam devires voltados para a resolução de situações de opressão e impasse. Já o princípio da ecologia social corresponde à reconversão dos investimentos da ecologia subjetiva, isto é, equivale à apropriação crítica ou à identificação da apropriação de traços específicos com o propósito de solucionar metas parciais, como uma verdadeira transversalidade. No processo de apropriação ou de reivindicação sempre fica uma marca ou traço daquele que se apropria de algo, funcionando como um resíduo daquele que reivindica. Por fim, o princípio da ecologia ambiental impõe à interdisciplinaridade a aceitação do paradoxo constituído pelo homem e pela natureza. Não se

trata mais do vetor que vai do homem em direção à natureza, nem da natureza em relação ao homem. Porém, é o curto circuito paradoxal entre o homem e a natureza que poderá contribuir na caracterização dos objetos de estudo interdisciplinares, na metodologia de abordagem e de análise, tal qual na epistemologia que propõe o fundamento dessa metodologia e nas consequências, paralelas, entre ética, política e estética. Levando-se sempre em consideração o contexto no qual estão ocorrendo os devires de determinada situação.

REFERÊNCIAS

- _____; Rolnik, S. *Micropolítica – cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. 1992. *Caosmose – Um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Editora 34.
- _____. 2000. *Cartografias esquizoanalíticas*. Buenos Aires: Manatíal.
- _____. 2013. *Qu'est-ce que l'écophilosophie?* [1985-1992]. Edição e organização póstuma realizada por Stéphane Nadaud. Paris: Ed. Lignes.
- Baremblytt, G. 1996. *Cinco lições sobre a transferência*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Deleuze, G; Parnet, C. 1998. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta.
- Dosse, F. 2010. *Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografia cruzada*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed.
- Guattari, F. 1990. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da tradução de Suely Rolnik. Campinas: Papyrus.
- Hardt, M; Negri, A. *Império*. Tradução de Berillo Vargas. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2004.
- Herzogenrath, B. *Deleuze|Guattari & Ecology*. 2009. London/New York: Palgrave Macmillan.
- Rousseau, J.J. 1973. *Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes*. Tradução: Lourdes Santos Machado; introdução e notas de Paulo Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. 1ª edição. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.
